

**CARLOS PESSOA ROSA**

**POEMAS VISCERAIS**

**CARLOS PESSOA ROSA**

PRÊMIO SINDICADO DO RIO DE JANEIRO DE POESIA

## **EMBRENHAR-SE**

                  caminho  
de terra embrenha-se na mata  
                  mata  
que se embrenha na natureza  
                  natureza  
que se embrenha nos olhos  
                  olhos  
que se embrenham no poema  
                  poema  
que se embrenha no amarelo do Ipê

## ESPIÃ

na várzea  
uma estrada vermelha  
no cotovelo  
uma árvore espia  
: folhas atraem uma leve brisa  
algumas pousam  
outras se agitam agonizantes  
e a brisa se recolhe  
em desconhecida dimensão

na várzea  
a estrada vermelha  
no cotovelo  
uma árvore espia  
: um carro passa  
puxa um rastro de pó vermelho  
que se agita  
e logo repousa sobre os esquecidos

na várzea  
uma estrada vermelha  
no cotovelo  
uma árvore espia desconfiada de tanto silêncio  
e a tarde acesa

## **DAR ASAS**

o prático  
vê no vôo da borboleta  
uma borboleta em vôo

o filósofo  
vê no vôo da borboleta  
a razão do Ser

o cientista  
vê no vôo da borboleta  
as matizes matemáticas do vôo

o poeta  
vê no vôo da borboleta  
a possibilidade de dar asas  
ao poema

## **FRESCOR**

farfalham  
palavras nos varais  
experimento  
um frescor frio nos lábios  
o vento  
agita poemas em meus dentes

## **INFERTILIDADE**

palavras  
sobrevivem em bando  
trilham  
caminhos de terra estranha  
e vermelha  
à procura da fonte criadora  
:encontram  
poemas secos & poetas inférteis  
porque assim são  
os dias

## **GRITO**

caminho nos campos de Van Gogh  
assento-me nos sonhos de Kurosawa  
aceito as incertezas, dúvidas e medos  
grito ao mundo a arte do poema  
e o retorno é um sussurro da morte

## FRAGMENTOS

há um toque de verde  
no luto que se espraia no campo  
existe rastro de sexo  
nas palavras que fazem *footing*  
há um pedaço de oceano  
no que se assoma no plâncton  
existem restos de poema  
naquilo que mergulha das sombras

## ROÇAR

gasto  
meu dedo em seu clitóris  
o pêlo roçando de leve a mão  
ouço  
— longe —  
o ar atravessar sua traquéia  
e o soprar de um poema em pleno gozo  
a sair de sua boca

## RITUAL

seus olhos  
ovulam um verde mediterrâneo  
espermatozóides  
agitam-se em gôndolas  
sua língua  
passeia em minha boca  
meu pênis  
endurece e penetra seu poema  
(há um ritual de procriação  
nesses verdes olhos)

## INTUIÇÃO

o mordomo  
abre a porta do rio e sorri  
os dentes  
caídos no céu de abril

a mulher  
de vão nas pernas pula estrelas  
os olhos  
espumosos no vaivém das marés

a criança  
quer ser grande como a manhã  
a idéia  
saltitante em pilhas de ipê

o poeta  
debruçado no devaneio dos mangues  
tem a pena  
no faro de enterrados na memória

## **SOLIDEZ**

tudo segue  
da periferia ao centro  
a rigidez, a dureza e o peso  
tem no rosto  
a pedra fria do deserto  
na alma  
o interior escuro das rochas  
e não se entrega  
às pancadas do martelo  
nas mãos fortes e determinadas  
de um ferreiro  
: só quem conhece  
os poderes do poema  
será sábio  
para sorrir diante de tal solidez  
absoluta

dizer  
que minha cabeça está vazia de idéias  
é perceber  
que esse vazio é uma baita negação  
de valor

dizer  
que o poema poetiza o vazio  
é concluir  
que o vazio existe e não existe  
é um modo poético  
de poetizar a não-presença

## **COMPOSIÇÃO**

na vergadura do poema  
o lastro

na textura do lastro  
o poema

no poema  
vergadura e textura  
se alastram

## **VERGAR**

vergado o poema  
restam palavras caídas  
na calçada

vergado o poema  
resta sua sombra  
na calçada

sem vento  
o silêncio devolve ao poeta o deserto  
das ruas

## **AFOGAMENTO**

no meio do rio  
rio  
enquanto afagas pratos  
na cozinha  
me afogo no riso  
desses peixes  
que me pescam, sem mais  
nas profundezas  
de um cômico instante de ócio

## **GOZO**

em meia-luz  
palavras fornicam promiscuidade  
nos entreatos  
gemem interjeições, encenam  
sem medo  
palavras em orgia plena  
sêmen  
nácar cristalizado em poema  
na noite porra e plena

## **SOLITUDE**

a pira em chama  
a vela apagada  
o átrio no escuro  
a luz que espia  
a raiva vulcânica  
a paz é tímida  
o latido canino  
o silêncio formiga  
a noite caída  
a lua ilumina  
o poema que afaga  
o sono que apaga  
o pesadelo que agita  
a morte que finda

## **FEMININO**

e o homem  
plantou o gozo dentro da mulher  
que nua  
permaneceu na brisa do prazer  
mão estendida na direção de seu homem  
que colocava as meias e calçava os sapatos  
como se o sexo não passasse  
do expelir daquele sêmen que dela vazava  
em solidão

## **BEIJO**

da vida  
a prostituta faz uso de sua boceta  
dos lábios, do cu e das pernas abertas  
não dando nada a quem paga  
além do orgasmo

o beijo  
carregado do táctil, cutâneo e difuso  
oferecerá a quem o merece  
somente a ele  
doará os poemas amorosos que a mulher  
abriga

## POEMA

o homem penetra  
a mulher inscreve  
o poema registra

o homem atrita  
a mulher estua  
o poema enraíza

o homem adormece  
a mulher espia  
o poema eterniza

## **DESEJO**

não queria o sepulcro  
nem a pústula nem o muco  
talvez a viúva  
que traz tanto a morte quanto a vida  
que assim é todo poema  
: meio urna meio puta





